

Antonio Pigafetta, cavaleiro do mar oceano. Uma reconstrução biográfica*

Nunziatella Alessandrini**

Anais de História de Além-Mar XX (2019): 61-80. ISSN 0874-9671

Resumo

A primeira viagem à volta do mundo é-nos dada a conhecer através da relação que o vicentino Antonio Pigafetta, embarcado na nau de Fernão de Magalhães, escreveu ao longo de muitos meses de navegação. Dos 26 italianos que integravam a tripulação do capitão português ao serviço de Castela, Antonio Pigafetta foi um dos dois que completaram a viagem de circun-navegação, regressando, passados três anos, ao porto espanhol de San Lúcar de Barrameda. O texto que aqui se apresenta visa sistematizar fontes conhecidas e investigações recentes de modo a desenhar o percurso vivencial do cavaleiro do mar oceano vicentino.

Palavras-chave: Antonio Pigafetta, Fernão de Magalhães, *Trinidad*, viagem de circun-navegação, *Relazione*.

Data de submissão: 18/06/2019

Data de aprovação: 04/11/2019

Abstract

The first voyage around the world was made known to us through the relationship that the Vincentian Antonio Pigafetta, embarked in the ship of Fernand Magellan, wrote over many months of sailing. Of the 26 Italians who were part of the Portuguese captain's crew serving Castile, Antonio Pigafetta was one of two who completed the circumnavigation voyage, returning after three years to the Spanish port of San Lúcar de Barrameda. The text presented here aims to systematize known sources and recent investigations in order to draw the life course of the Vincentian knight of Ocean Sea.

Keywords: Antonio Pigafetta, Fernand Magellan, *Trinidad*, voyage of circumnavigation, *Relazione*.

Date of submission: 18/06/2019

Date of approval: 04/11/2019

* Quero aqui deixar o meu mais grato reconhecimento aos professores José Manuel Garcia, Rui Manuel Loureiro e Andrea Canova, à professora Benedetta Crivelli, à Associazione Pigafetta500 de Vicenza, aos escritores Franco Giliberto e Giuliano Piován, e ao Senhor Andrea Pigafetta de Vicenza.

** CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4340-7903>. E-mail: nunziatellaa@fesh.unl.pt.

Antonio Pigafetta, cavaleiro do mar oceano. Uma reconstrução biográfica

Nunziatella Alessandrini

Et la città di Vicenza si può gloriare fra tutte l'altre d'Italia che, oltre l'antica nobiltà e gentilezza sua, oltra molti eccellenti e rari ingegni, s'è nelle lettere come nell'armi, abbia anche avuto un gentiluomo di tanto animo come il detto messer Antonio Pigafetta, che, avendo circondata tutta la balla del mondo, l'abbia descritta tanto particolarmente.

Giovanni Battista Ramusio

Um *cavalier errante vicentino* (Sanudo 1879-1902: XXXV, col. 173)¹ apresentou-se a 7 de Novembro de 1523 ao Senado veneziano para contar as suas peripécias à volta do mundo. A admiração dos ouvintes foi tão grande que «tutto il collegio stete con gran attention ad aldirlo» (Ibid.). Tratava-se de Antonio Pigafetta, que, a 20 de Setembro de 1519, tinha deixado o porto de Sanlúcar de Barrameda no navio *Trinidad* como *criado* de Fernão de Magalhães, capitão-geral da armada, regressando, passados três anos, a 6 de Setembro de 1522, ao mesmo lugar, juntamente com outros dezassete membros da tripulação, sobreviventes de uma empresa sem igual: a primeira volta ao redor do mundo. Apesar de não ter sido este o propósito da armada chefiada por Magalhães, cujo objectivo era alcançar as Molucas – terra das especiarias, navegando em direcção a poente, é verdade que os dezoito homens², «tutti

¹ «Vene in Collegio uno vicentino nominato il Cavalier errante, ferier di Rhodi, qual è stato 3 anni in India per veder, et riferire a bocha di quelle cosse, che tutto il Collegio stete con gran atenzion ad aldirlo; e disse mezo il viazo; et da poi disnar etiam fo dal Doxe et referite zercha queste cosse longamente, síche Soa Serenità e tutti chi l'aldite rimasero stupefati di quelle cosse sono in India».

² Fernández de Navarrete 1825-1837, II: 463, refere os nomes: Juan Sebastián de Elcano, Francisco Albo, Miguel Rodas, Juan de Acurio, Martin de Yudicibus (o italiano Martino de Giudici), Hernando de Bustamante, Aires, Diego Gallego, Nicolao de Napoles, Miguel Sanchez de Rodas, Francisco Rodríguez, Juan Rodríguez de Huelva, Antón Hernandez Colmenero, Juan de Anatia, Juan de Santander, Vasco Gómez Gallego, Juan de Zubileta, Antonio Lombardo (Pigafetta).

in camicia e discalzi» (Manfroni 1983, 176)³, foram protagonistas de um evento descomunal.

A relação redigida por um destes sobreviventes, Antonio Pigafetta, na qual anotou diariamente os acontecimentos e os eventos que lhe despertavam a curiosidade, é um dos poucos e preciosos testemunhos que nos restam deste acontecimento extraordinário⁴.

As vicissitudes da *Relazione* e o percurso vivencial do seu autor continuam com lacunas ainda por preencher, mas, desde a década de 60 do século passado, o levantamento de documentação inédita nos arquivos e bibliotecas italianos e estrangeiros contribuiu para corrigir avaliações erradas e para aprofundar o conhecimento da família de origem do navegador vicentino de modo a entender melhor a sua personalidade.

Uma rápida resenha das edições da *Relazione* – desde a de Carlo Amoretti, bibliotecário da Biblioteca Ambrosiana, que, em 1797, encontrou o códice com o texto da obra de Pigafetta e procedeu à sua transcrição e publicação – elucida-nos sobre os progressos efectuados no conhecimento do percurso biográfico de Pigafetta e, sobretudo, na identificação do título original da obra. Tomando a publicação de Carlo Amoretti de 1800 como ponto de partida para as sucessivas edições da obra de Pigafetta, vamos brevemente traçar, seguindo de perto o estudo de Andrea Canova (1999), o percurso do texto antes do achamento, transcrição e publicação de Amoretti. Ainda no século XVII, pouco depois da abertura da Biblioteca Ambrosiana ao público, que ocorreu em Dezembro de 1609, foram efectuados, pelas mãos de Giorgio Longo e dos seus colaboradores, dois inventários: o primeiro, topográfico, foi redigido em 1610, e no fólho 100v. estava registado «Antonio Pigafetta Vicentino la navigatione et discovrimento dell’India Superiore»; o segundo inventário foi redigido em 1616, e no fólho 7v. estava anotado «Antonio Pigafetta, la navigatione et discovrimento dell’India superiore». Canova alerta para o facto de os três manuscritos franceses terem os mesmos títulos: *Navigacion et descouvrement de la Indie superieure faicte par moy Authoyne Pigaphete vincentin chevallier de Rhodes* (1); *Navigacion*

³ Em Fernández de Navarrete 1825-1837, IV: 248, doc. XXIII: *Apuntes de los gastos que causó la descarga de la nao Victoria, y noticia de la especería que trajo de su viage. (Hállase en los Extractos de la coleccion de D. J. B. Muñoz):* «En la lista de las cajas, costales &c. que trajeron particulares se nombran algunos de los que vinieron en la nao Vitoria, y son: El capitan. | El piloto. | Juan Rodriguez de Huelva. | Antonio de Plegafetis. | Miguel de Rodas. | Juan de Zubileta. | Diego Gallego. | Juan de Arratia. | El mestre».

⁴ Entre os dezoito tripulantes que chegaram a Sevilha na nau *Victoria* a 8 de Setembro de 1522, Juan Sebastián de Elcano e Francisco Albo (grego) deixaram escritos sobre a navegação efectuada.

et descouvrement de la Indie superieure faicte par moy Authoine Pigaphete patricie vincentin chevalier de Rhodes (2); *Navigacion et descouvrement de la Indie superieure et isles de Malucque ou naissent les doux de Girofle. Faicte par Authoine Pigaphete vincentin chevallier de Rhodes* (3). Mais, em 1712 Pietro Antonio Sassi compilou outro inventário e mencionou a obra de Pigafetta, sugerindo a sua autenticidade, com o seguinte título: *Antonio Pigafetta Vicentino Cavagliere di Rodi navigationi, et scoprimento dell'Indie Superiori con infine alcune regole per sapere la longhezza et altezza da levante a ponente ed é forsi l'originale*.

Até 1800, o relato de Pigafetta fora divulgado a partir da tradução francesa – «abbiamo noi già un ragguglio del Viaggio del Cav. Pigafetta, tradotto in francese dal Fabro, pubblicato in italiano dal Ramusio, e trasportato in tutte le colte lingue» (Amoretti 1800, XLIX) –, tendo então Carlo Amoretti resolvido transcrever e publicar o manuscrito ambrosiano, «rimaneggiandolo e riducendolo in lingua italiana corrente» (Da Mosto 1894, 9), que intitulou *Primo viaggio intorno al globo terracqueo, ossia ragguglio della navigazione alle Indie orientali per la via d'occidente, fatta dal cavaliere Antonio Pigafetta patrizio vicentino, sulla squadra del capitano Magaglianes, negli anni 1519-1522 con un Transunto del Trattato di Navigazione dello stesso autore*. Em meados do século XIX, sentiu-se a necessidade de voltar a publicar a obra «come la ha veramente dettata il Pigafetta e non in quella infedele traduzione che ne diè l'Amoretti» (Da Mosto 1894, 9)⁵, e a ocasião para uma nova publicação apresentou-se aquando do convite feito a Andrea Da Mosto pela Real Commissione per la Raccolta Colombiana. Da Mosto, na sua edição crítica, dedicou um capítulo à biografia do navegador-cronista vicentino. Em 1894, ano da publicação da obra de Da Mosto, o autor refere não ter encontrado documentos que indicassem os nomes dos pais de Antonio nas pesquisas efectuadas nos arquivos e bibliotecas de Vicenza e Veneza, no arquivo Vaticano e nos arquivos da Ordem Jerosolimitana de Roma e de Malta. Infrutífera, para o objectivo proposto, resultou também a pesquisa no arquivo de Mântua, onde, porém, Da Mosto encontrou e publicou duas cartas autógrafas do próprio Pigafetta. Da Mosto não tinha conhecimento da obra de Navarrete de 1837 (Fernández de Navarrete 1825-1837, IV: 12 e seg.), onde estavam publicados documentos relativos aos nomes da tripulação da armada de Magalhães. De resto, é compreensível que, ainda no século XIX, a circulação de informações não fosse tão rápida. No entanto, Da Mosto fornece-nos uma descrição da família Pigafetta como sendo con-

⁵ Carta enviada por Vincenzo Lazzari (ilustrador da viagem de Marco Polo) a 24 de Março 1846 ao marquês Vincenzo Gonzati, manifestando a sua intenção.

stituída por «huomini eccellenti d'ingegno, di ricchezze et della scientia del giurecivile, eloquenti et decorati dell'Ordine equestre» (Da Mosto 1894, 13)⁶.

Em 1929, Camillo Manfroni⁷ fixou os nomes dos pais de Pigafetta, que encontrara mencionados no documento relativo aos róis dos tripulantes da expedição de Magalhães. Ao referir-se ao dito documento publicado por Navarrete e conservado no *Archivo General de las Índias* de Sevilha, Manfroni menciona-o como sendo: «questa mia piccola scoperta» (Manfroni 1983, 16). As palavras que se referiam ao navegador vicentino eram as seguintes: «Antonio Lombardo criado del dicho capitán natural de Viçançio que es en Lombardia, hijo de Juan e Anzola su muger, ha de haver de sueldo a mill mrs. Recibió por el sueldo de quatro meses adelantados quatro mill mrs.»⁸. As pesquisas levadas a cabo por Manfroni, todavia, não deram os frutos desejados, pois o investigador não encontrou qualquer documento que indicasse o casamento de Giovanni e Angela e o nascimento do filho Antonio.

Não há dúvidas de que o *Antonio Lombardo* mencionado no documento era Antonio Pigafetta e que o pai era Giovanni. No que diz respeito à mulher, Angela, esta é nomeada enquanto *muger* de Giovanni e não enquanto mãe de Antonio. Continuando com a documentação do *Archivo General de las Índias* de Sevilha, outra importante referência a Pigafetta está patente na lista que contém os nomes dos tripulantes do navio *Trinidad* onde o vicentino estava embarcado. A seguir ao nome do capitão general Magalhães, vinham os nomes dos seus criados: Duarte Barbosa, Álvaro de Mezquita, Luís Alfonso de Goes, Gonzalo Rodriguez, Francisco Lombardo, Nuño, Fernando, Francisco, Juan Martínez, Cristóbal de Ravelo, Diego de Sanlúcar⁹. Francesco ou Antonio Pigafetta? Ou, ainda, Francescantonio como foi, por vezes, apelidado? Tendo em conta que o documento com a lista dos criados de Magalhães – onde o navegador vicentino aparece com o

⁶ O autor cita Battista Pagliarino, *Croniche di Vicenza scritte dal principio di questa città fino al tempo ch'ella si diede sotto al serenissimo dominio veneto, 1404, divise in libri sei*, Vicenza, Giacomo Amadio, 1663.

⁷ Camillo Manfroni publicou, em 1929, a edição crítica da *Relatione* de Antonio Pigafetta. Baseando-se em documentação inédita, o autor corrigiu os erros da transcrição feita por Carlo Amoretti, apoiando-se na revisão efectuada por Andrea Da Mosto. Em 1983, no âmbito da preparação das comemorações dos 500 anos do descobrimento da América, procedeu-se à reimpressão do estudo de Manfroni: «una riconosciuta autorità in questo genere di studi». É esta a edição sobre a qual se baseia o presente trabalho: Manfroni 1983.

⁸ AGI, Siviglia, *Contratación* 5090, fl. 52r; citado em Avonto 1992, 177.

⁹ AGI, Siviglia, Patronato, 34, ramo 10; citado em Avonto 1992, 115.

nome de Francesco – foi redigido antes da listagem do rol da tripulação em que é indicado como Antonio, tudo indica, de acordo com Avonto (Avonto 1992, 114 e seg.), que o nome de baptismo do navegador fosse Francesco. De facto, é natural que, enquanto estrangeiro chegado a Espanha, tivesse dado o seu nome de baptismo, Francesco. Mais tarde, aquando do rol dos tripulantes – não esqueçamos que passaram três meses antes de a armada partir –, teria ganho mais familiaridade com o meio e teria embarcado com o nome que utilizava mais frequentemente, Antonio.

Para além de Antonio Pigafetta, lombardo, de Vicenza, mais 25 italianos estavam embarcados na frota de Magalhães, assim distribuídos: 11 na *Trinidad*, 3 na *S. António*; 2 na *Concepción*; 6 na *Victoria*; 4 na *Santiago*. Os cargos deles eram indicadores da qualidade dos conhecimentos técnicos: 3 mestres com ordenado de 3000 maravedis ao mês (*Trinidad*, *Victoria* e *Santiago*); 1 carpinteiro com ordenado de 1875 maravedis (*Trinidad*); 2 calafates com 1875 maravedis (*Trinidad* e *Santiago*); 13 marinheiros com 1200 maravedis de ordenado (6 na *Trinidad*, 1 na *S. Antonio*, 4 na *Victoria*, 2 na *Santiago*); 3 grumetes com ordenado de 800 maravedis (2 na *S. Antonio*, 1 na *Victoria*); 1 pajem com ordenado de 500 maravedis (*Trinidad*); 3 «sobresalientes» assim repartidos: 2 *criados*, ou seja, homens de confiança do capitão, nomeadamente Antonio Pigafetta, criado de Fernão de Magalhães, na *Trinidad*, e Alfonso Coto, criado do capitão Gaspar de Quesada, na *Concepción*, ambos com ordenado de 1000 maravedis. O terceiro «sobresaliente» era Martino de Giudici, meirinho na *Concepción* com ordenado de 800 maravedis (Avonto 1992, 174-175).

Relativamente ao número total da tripulação dos cinco navios, varia consoante as diversas interpretações dos documentos¹⁰; o número relatado pelo próprio Pigafetta, 237 pessoas, condiz com as disposições expressas na carta de 5 de Maio de 1519 enviada pelo rei aos oficiais de la Contratación: «Yo vos mando que no consintais, ni deis lugar que vaya en la dicha Armada, por ninguna causa que sea, mas de los dichos doscientos é treinta é cinco hombres»¹¹.

Mas quem era o *criado* de Magalhães que sobreviveu ao seu capitão, deu a volta ao mundo e nos deixou a crónica da viagem?

Filho de Giovanni de Antonino Pigafetta, Antonio Pigafetta cresceu no seio de uma família nobre de Vicenza. O avô Antonino casara-se por volta

¹⁰ Pastells 1920, I: 2–265 indivíduos; Fernández de Navarrete 1825-1837, IV: 26–265 indivíduos; Toribio Medina 1920: CLV – 270 indivíduos.

¹¹ AGI, Reg. de Reales cédulas, leg. 2.º, transcrito por Fernández de Navarrete 1825-1837, IV: 129.

de 1430 com Isotta, filha de Piosello da casa nobre dos Sarego (Mantese 1960, 28). Do casamento nasceram seis filhos: duas raparigas, Elisabetta e Chiara, e quatro rapazes, Francesco, Lodovico, Alessandro e Giovanni, este futuro pai de Antonio. Elisabetta, ao casar-se com Valerio Chiericati, introduziu provavelmente o sobrinho Antonio no circuito dos Chiericati, nobre família de Vicenza. Um membro desta família, Francesco Chiericati¹², protonotário apostólico e diplomata, terá, como veremos, um papel de relevo na realização da extraordinária aventura de Antonio Pigafetta. No que diz respeito aos irmãos de Giovanni e tios do navegador, Francesco e Lodovico, exercitavam a actividade notarial, enquanto Alessandro foi o precursor do ramo de Caltrano, cujos bens familiares, em parte, eram administrados por Giovanni. Apesar de, provavelmente, nunca ter exercido a profissão, Giovanni estava inscrito como notário¹³ e casou-se três vezes. As mais recentes investigações e as conversas que Andrea Canova manteve com Rita Pigafetta, descendente da família do navegador, permitiram desenhar, embora de maneira não exaustiva e ainda com bastantes lacunas, um percurso biográfico do cavaleiro errante vicentino.

Até a segunda metade do século passado, apenas se conhecia o nome de Angela “a Zoga” como única mulher de Giovanni Pigafetta e, portanto, eventual mãe de Antonio. O levantamento de fontes efectuado por Giovanni Mantese em 1960 e 1964 e as sucessivas pesquisas nos registos notariais do Arquivo de Estado de Vicenza levadas a cabo por Petrizzelli e Morello alargaram o horizonte vivencial de Giovanni Pigafetta, que se casou três vezes. A primeira vez casou-se com Castellana Terrenato, dos Terrenato de Caltrano, que era irmã de Anna Terrenato, a qual se viria a casar com Alessandro, irmão de Giovanni (Petrizzelli et al. 2006, 49)¹⁴. Na verdade, como já foi mencionado, os irmãos Giovanni e Alessandro tinham bens que administravam em Caltrano, e Giovanni possuía o jus padroado da capela dos Santos Fabiano e Sebastiano da igreja de Santa Maria de Caltrano, benefício ao qual renunciou a 27 de Abril de 1529. Deste primeiro

¹² Francesco Chiericati, de Vicenza, foi núncio apostólico em Inglaterra de 1515 até 1518. Em Dezembro do mesmo ano, foi escolhido para o cargo de enviado à corte espanhola. Em 1522 foi nomeado bispo de Teramo e em 1523 exerceu o cargo de núncio apostólico na Alemanha. Cf. Foa 1980.

¹³ No Arquivo de Estado de Vicenza (ASVi), no Manuscrito da *Matricola dei Notai 1493*, aparece o nome do irmão Alessandro: «Alexander filius de Antonini de Plegafetis – 1472», e logo a seguir «Ioannes filii suprascripti Antonini – 1472». Cf. Petrizzelli et al. 2006, 49, n. 120.

¹⁴ Os autores tiraram a notícia do texto de Giovanni Mantese, “La Pieve di Santa Maria di Caltrano e la sfuggente ombra di Antonio Pigafetta”, in *Scritti scelti di Storia Vicentina*, Vicenza, 1982, 377. Cf. também Canova 1999, 22, n. 4.

casamento nasceu um filho, Giovanni, falecido ainda criança, e, seguindo as indicações de Mantese (1964), também uma filha, Flora, que entrará para o convento de S. Tommaso com o nome de Serafina¹⁵. No que diz respeito ao segundo casamento, contraído com Lucia Muzan, filha de Marco Muzan – da nobre família Muzan de Malo – e de Paola Trissino – também descendente de uma antiga casa da nobreza do território de Vicenza –, sabemos que a *Charta dotis* tem a data de 6 de Março de 1492, o que leva a conjecturar que Lucia Muzan seria a mãe de Antonio, nascido, supostamente, no findar do ano 1492 ou no início de 1493. Do casamento entre Lucia e Giovanni, nasceram também Isotta¹⁶ e Valentino¹⁷. O falecimento de Lucia Muzan deve ter ocorrido antes de 1510, porque, nesse mesmo ano, Angela “a Zoga” já estava casada com Giovanni Pigafetta, visto que, ao fazer testamento, deixava o marido herdeiro do seu dote (Petrizzelli et al. 2006, 50, n. 126). Num documento mais tardio, datado de 23 de Maio de 1521 e referente ao testamento da mãe de Lucia, Paola Trissino, não está contemplado o nome de Lucia, confirmando o facto de esta já ter falecido (Petrizzelli et al. 2006, 49, n. 124).

Embora não se conheça com certeza a data do terceiro casamento, pode supor-se que tenha ocorrido por volta de 1510, ano em que, como vimos, Angela Pigafetta resolve fazer testamento a favor do marido. Descendente de uma rica família florentina estabelecida em Vicenza desde a segunda metade do século XIII, Angela Pigafetta aparece, a 8 de Janeiro de 1518, «ministra et gubernatrix Sororum Tertii Ordinis S. Francisci de Vincentia», sendo que o marido Giovanni era «minister» da mesma confraria masculina da Ordem Terceira de S. Francisco (Mantese 1960, 30).

Através dos testamentos de Giovanni Pigafetta e de Angela “a Zoga”, podemos retirar algumas notícias no sentido de tornar mais completa a biografia de Antonio Pigafetta.

¹⁵ Em 1503, de facto, Giovanni Pigafetta fez uma doação de terras que se encontravam à volta do mosteiro de S. Tommaso para o dote da filha. Cf. Petrizzelli et al. 2006, 50.

¹⁶ Documentos recentes encontrados no Archivio di Stato di Padova e mencionados em Petrizzelli et al. 2006, 51, n. 151, revelam que o casamento de Isotta com Vincenzo Bissari teve lugar no ano de 1513 (*Charta dotis* de 4 de Abril de 1513) e não em 1520, como Mantese tinha suposto. A importância destes novos dados reside no facto de podermos avaliar a possibilidade de Isotta ser a primeira filha do casal Lucia Muzan e Giovanni Pigafetta e adiarmos, portanto, um ano ou dois, o nascimento de Antonio Pigafetta.

¹⁷ A primeira referência a Valentino está num acto público de 7 de Março de 1519, redigido por Lodovico, irmão de Giovanni: «in domo habitationis nobilis viri Iohannis de Plegafetis q. viri nob. Antonini, presentibus...Valentino filius supradicti Iohannis de Plegafetis», sendo, sucessivamente, presente em outros actos notariais de 28 de Junho de 1523 e 28 de Março de 1528. Cf. Mantese 1960, 35.

As indicações do primeiro testamento de Giovanni Pigafetta, redigido a 28 de Junho de 1525, mostram quais os membros que compunham a família Pigafetta nessa altura: Isotta já tinha falecido; a esposa Angela era a destinatária de um terço dos bens, aos quais se acrescentava mais algum dinheiro; e, finalmente, Antonio e Valentino, «fratres et filius ipsius testatoris legitimos et naturales equaliter et equis partibus»¹⁸, eram nomeados herdeiros universais. A situação já tinha mudado aquando da redacção do segundo testamento de Giovanni Pigafetta, a 17 de Agosto de 1532, na sacristia da igreja de S. Rocco dos cônegos de S. Giorgio in Alga: os filhos Antonio e Valentino já não eram mencionados, o que nos leva a supor que já tivessem morrido. De facto, o acima mencionado facto de Giovanni Pigafetta ter abdicado do padroado da capela dos Santos Fabiano e Sebastiano a 17 de Abril de 1529 é indicador de que já não tinha filhos a quem deixar o legado, uma vez que o padroado foi a favor dos sobrinhos, filhos do irmão Alessandro. Voltando ao testamento de Giovanni Pigafetta de 17 de Agosto de 1532, o herdeiro universal foi o neto Valerio, filho de Isotta e de Vincenzo Bissari, o que significa que o ramo de Giovanni Pigafetta se extinguiu com a sua morte. A 2 de Maio de 1533, Giovanni ainda estava vivo, tendo acrescentado um codicilo ao testamento em favor da mulher Angela (Mantese 1960, 34 e seg.). Esta sobreviveu ao marido, como se evidencia pelos seus três testamentos, nomeadamente a 13 de Maio de 1534, já viúva de Giovanni, a 24 de Agosto de 1535 e a 15 de Julho de 1538 (Petrizzelli et al. 2006, 52-53). Em nenhum destes testamentos são nomeados os enteados Antonio e Valentino. A última notícia que temos de Antonio Pigafetta remonta, portanto, ao mês de Junho de 1525, por ocasião do primeiro testamento do pai.

Nos anos passados em Vicenza, antes de partir para Espanha, Antonio viveu num ambiente culturalmente elevado, relacionando-se com homens do calibre do filósofo originário de Mântua, Pietro Pomponazzi (Petrizzelli et al. 2006, 55, n. 247). De resto, o próprio Pigafetta admite ter adquirido conhecimento através dos muitos livros lidos e das relações com pessoas «che praticavano con sua signoria, de le grandi e stupende cose del mare Oceano» (Manfroni 1983, 53). Nessa altura, a divulgação das empresas marítimas e das grandes viagens oceânicas circulava através de cópias manuscritas e impressas. No início do século XVI, a miscelânea de Francanzio Montalboddo devia, com toda a certeza, ser conhecida por Antonio Pigafetta, uma vez que a sua impressão foi efectuada em Vicenza em

¹⁸ O testamento está transcrito em Cocco et al. 1979: 481-482, e encontra-se em ASVi, *Atti del Notaio Francesco Zanechini*.

1507⁹. Poucos anos antes, em 1504, saía em Veneza, pelos tipos de Albertino Vercellese, o *Libretto de tutta la navigatione de re de Spagna, le isole et terreni novamente trovati*. Ademais, tinham grande difusão o *Itinerario* de Ludovico Vartema e as memórias da viagem pela Ásia de Niccoló da Conti, recolhidas por Poggio Bracciolini. Para lá das várias leituras feitas em Itália, não nos devemos esquecer de que Pigafetta esteve, antes da partida com a armada de Magalhães, três meses em Sevilha – de Maio até 10 de Agosto de 1519 –, tendo tido, portanto, a oportunidade de ler os livros trazidos pelos portugueses (Canova 2001, 3 e seg.) e, provavelmente, até pelo próprio Magalhães. Este, além de mapas e material cartográfico, tinha nas suas mãos o *Itinerário* de Ludovico Vartema na altura em que se encontrou com Carlos I (Loureiro 2017, 23).

Através destas leituras, Pigafetta tinha maturado o desejo de «far esperienza di me e andare a vedere quelle cose, che potessero dare alcuna satisfazione a me medesimo e potessero partorirme qualche nome appresso la posterità» (Manfroni 1983, 53). A ocasião surgiu com a eleição para o cargo de núncio apostólico em Espanha de Francesco Chiericati, em Dezembro de 1518. A familiaridade de Pigafetta com o alto prelado permitiu-lhe entrar no seu séquito e acompanhá-lo à corte espanhola, onde, desde Outubro de 1517, Fernão de Magalhães preparava a armada para a empresa que o tornaria célebre. Antonio Pigafetta encontrava-se em Barcelona nos primeiros meses de 1519, «dove allora risiedeva sua maestà» (Ibid., 54), e, «con molte lettere di favore» (Ibid., 54), entre as quais as de Francesco Chiericati e de Carlos I, chegou até Málaga de barco, daí alcançando Sevilha – via terra – em Maio de 1519, para se apresentar à Casa de la Contratación, que, desde 1503, tinha como tarefa organizar as expedições marítimas. A estada em Sevilha foi demorada: a armada desceu o Guadalquivir na manhã de 10 de Agosto de 1519, navegando até Sanlúcar de Barrameda «che è posto per entrare nel mare Oceano» (Ibid., 57). Alguns dias depois, Fernão de Magalhães e os capitães dos outros navios juntaram-se à tripulação e, a 20 de Setembro de 1519, a armada composta por cinco navios e chefiada pelo capitão português entrou no mar oceano. A viagem, com a duração de três anos, foi constelada de eventos memoráveis, bem como de momentos de alegria e de extrema tristeza, mas o que transparece ao longo de toda a relação é o entusiasmo do encontro com o desconhecido.

⁹ Fracanzio da Montalboddo, *Paesi novamente ritrovati et Novo Mundo da Alberico Vesputio florentino intitulado*, Vicenza, 1507.

A 6 de Setembro de 1522, como já mencionámos, dezoito sobreviventes, «la maggior parte infermi» (Manfroni 1983, 175), entraram no porto de Sanlúcar de Barrameda a bordo do navio *Victoria*. O resto da tripulação «de sessanta che partissemo da Maluco, chi morse per fame, chi fuggitte nell'isola di Timor, e chi furono ammazzati per suoi delitti» (Ibid., 175).

A partir do seu regresso a Sevilha, é possível seguir o caminho de Pigafetta, por um lado, coligindo e sistematizando uma série de documentos que apresentam dados relacionados com o navegador vicentino e, por outro, tendo em conta as palavras que o próprio Pigafetta escreve na conclusão da sua *Relazione*. Assim, sabemos que, depois de ter deixado Sevilha, o vicentino vai até Valladolid para apresentar ao rei «non oro nè argento, ma cose da essere assai apprezzate da un simil signore. Fra le altre cose li detti uno libro, scritto de mia mano, de tutte le cose passate de giorno in giorno nel viaggio nostro» (Manfroni 1983, 176). Ora, a documentação confirma quer a presença de Antonio Pigafetta em Valladolid no Outono de 1522, quer a existência de um livro que relatava a viagem ao redor do mundo. De facto, a 21 de Outubro de 1522, Antonio Bagarotto, embaixador de Mântua em Espanha, escrevia, de Valladolid, uma carta ao seu Senhor, o marquês de Mântua, informando da chegada dos sobreviventes da volta ao mundo e da presença de um «libro molto bello»:

Per quel gentilhomo del signor Prospero mando a vostra excellentia un sumario di alcuni avisi che zà molti zorni vegneno da le Indie, che penso piacerà a quella. quelli che al presente sono vegnuti, che hano girato il mondo a tondo a tondo, hano portato un libro molto bello, che de zorno in zorno li è scritto el viaggio e paese che hanno ricerchato. s'el serà possibile haverlo, ne farò fare una copia e la manderò a vostra signoria illustrissima. (Da Mosto 1894: 126, doc. II)²⁰

A 10 de Novembro de 1522, Pigafetta ainda estava em Valladolid, pois fora receber o ordenado, cujo recibo assim rezava: «Antonio Lombardo, que fue por sobresaliente en la não Victoria, venció de sueldo tres años e veinte e ocho dias, que a razón de mill por mes, monta 37.924 mrs, de los quales se le quitan 4.000, que se le dieron de paga quatro meses, y restansele debiendo 32.924 y 7.040 que se le pone de su quintalada, lo qual se le pagó en Valladolid por mandado de los señores del Consejo de las Indias» (Avonto 1992, 120-121). A 12 de Novembro de 1522, o embaixador Bagarotto volta a escrever, de Valladolid, ao marquês de Mântua, confirmando

²⁰ Mantova, Archivio Gonzaga E, XIV. Antonio Bagarotto, transcrita por Da Mosto 1894: 126, doc. II.

que tinha conseguido, embora com alguma dificuldade, um sumário do livro que haviam trazido os que tinham chegado das Índias²¹. Tratar-se-ia da *Relazione* de Pigafetta?

De Valladolid, escreve Pigafetta na sua *Relazione*: «andai in Portogallo e parlai al re don Giovanni de le cose aveva vedute» (Manfroni 1983, 176). Depois, chegou a França, passando por Espanha, «e feci dono de alcune cose de l'altro emisfero a la madre del cristianissimo re don Francesco, madama la reggente» (Ibid.). É de salientar que, contrariamente ao que aconteceu com o rei de Espanha, Pigafetta não faz qualquer referência à entrega do livro à rainha de França. A passagem por Portugal e França deve ter acontecido nos meses de Novembro e parte do mês de Dezembro de 1522, porque é provável que no fim desse ano Pigafetta se encontrasse em Itália. Podemos supô-lo pela carta que Francesco Chiericati – na altura desempenhando o cargo de núncio apostólico na Alemanha – envia, a 26 de Dezembro de 1522, à marquesa de Mântua, informando-a da redacção de um itinerário «che é cosa divina» pelo «mio servitore vicentino, che mandai de Spagna in India»²². A troca de correspondência entre Francesco Chiericati e a marquesa Isabelle d'Este Gonzaga nos meses seguintes evidencia elementos determinantes relacionados, quer com o circuito em que Pigafetta se movimentava, quer com as andanças de Pigafetta em Itália. Em primeiro lugar, há que realçar que a familiaridade mantida por Francesco Chiericati com a família Gonzaga remontava ao tempo do avô paterno de Chiericati, o nobre de Mântua Andrea Corradi d'Austria. Em segundo lugar, o juízo expresso por Chiericati acerca do itinerário pressupunha que o prelado tivesse folheado o texto de Pigafetta ou, pelo menos, tivesse tido um encontro com o próprio autor em Vicenza.

A resposta da marquesa Isabella d'Este Gonzaga de 2 de Janeiro de 1523 expressa todo o contentamento pela possibilidade de entrar na posse

²¹ «Mando a vostra excellentia un breve extracto o sumario del libro che hano portà quelli delle Indie, che se ha abuto cum qualche difficultà, el quale credo piaccherà a vostra signoria illustrissima», Mantova, Archivio Gonzaga E, XIV. Antonio Bagarotto, transcrita por Da Mosto 1894: 126, doc. III.

²² A carta está transcrita em Da Mosto 1894: 126, doc. III: «Norimberga, 26 dicembre 1522 | alla illustrissima et excellentissima signora mia la signora marchesa di Mantova | illustrissima et excellentissima signora mia ** et in epithoma li significo *** haute le sue de 28 del passato, et come a laude de Dio et augmentatione de la sancta fede ho ottenuto, in questa dieta, che la Germânia soccorre Croatia et Ungaria et piglia l'arme contro el Turco animosamente in questa primavera. item, che 'l mio servitore vicentino, che mandai de Spagna in India, è ritornato in Spagna richissimo cum le piú magne et ample cose del mundo, et ha portato uno itinerario dali orno che parti de Spagna sino a quel del ritorno, che è cosa divina; et vostra signoria illustrissima fra pocho tempo sarà partecipe del tuto. in la cui bona gratia, alla impressa, molto mi racomando. | Ex Nurimberga, die 26 decembris 1522».

do dito Itinerário (Canova 1999, 24-25); uma semana depois, a 10 de Janeiro de 1523, Chiericati escreve: «Spero che fra pochi giorni vostra excellentia haverá gran spasso et passatempo in sentir quel mio servitore, che novamente è venuto dal circuito de tuto il mondo, raccontar tute quelle grande et admirande cose che ha visto et scripto per quel viaggio, ché certamente è stato tanto grande et amplo che non ci fu mai homo che più el facesse» (Ibid., 26). Chiericati prossegue, na mesma carta, contando resumidamente a viagem de Pigafetta e, a propósito do itinerário, escreve: «Qui havemo longissimi summarii de la detta navigatione, mandati per la maestà cesarea al serenissimo archyduca: el qual per sua gratia ha partecipato ogni cosa Meco et me ha donato le spitiarie portate da quelle parti cum li rami et foglie che li fanno» (Ibid., 26). A 3 de Fevereiro de 1523, Isabella d'Este manifesta agrado por poder receber Pigafetta, «comprendendo che maggior diletto sii de intendere di quelle cose inaudite et nove da una viva voce che per lettere» (Ibid., 27). Não é, portanto, de excluir que, nestes primeiros meses de 1523, Pigafetta estivesse em Mântua e depois, a 7 de Novembro do mesmo ano, como já foi mencionado, alcançasse Veneza.

É indiscutível o forte desejo que animava Antonio Pigafetta de publicar a sua *Relazione*, e fora de questão estava, de facto, o interesse suscitado pela obra. Depois da provável estadia em Mântua e depois da sua presença em Veneza, sabemos, através das cartas que o próprio Pigafetta enviou ao marquês de Mântua, que, no fim de 1523 e início de 1524, o navegador se encontrava em Vicenza. O próprio Pigafetta, na carta de 2 de Fevereiro de 1524 enviada ao marquês Federico Gonzaga, confirma que se encontrava na sua casa de Vicenza, ocupado a escrever o livro para ser oferecido ao próprio marquês. Era, no entanto, uma carta de desculpas: Pigafetta não podia acabar o livro e devia partir o quanto antes para Roma, pois a sua presença e do seu livro era reclamada pelo pontífice Clemente VII. Na mesma carta Pigafetta relata que a rapidez com que devia ir a Roma implicava que tivesse de partir com o «libro quasi imperfetto» (Manfroni 1983, 209)²³. Comprometia-se,

²³ A carta foi transcrita também por Da Mosto 1894: 127 doc. VI, sendo que o original se encontra no Archivio di Stato di Mantova, "Archivio Gonzaga", E XXV 3, busta 868, c. 626: «Illustrissimo Signore. Per fare el debito mio con Vostra Illustrissima Signoria a Quella fatio saper: // come stando in casa mia a Vicenza, et scrivendo el libro a Vostra Illustrissima Signoria // me fo scripto da Roma in nome del Papa qualiter dovesse venire subito a // Sua Beatitudine: et postponesse ogni altra cosa. Io che stava scrivendo el libro // di Quella: me fo forza a partirme, et andare a Sua Santidade con el libro quasi // imperfetto. Pertanto suplico humilmente a Vostra Illustrissima Signoria se degni di perdonarmi // se non ho portato el libro, ia promesso a Quella. Penso, Sua Santidade vole, sia // stampado in nome suo: et per satisfacer al denito mio promesso, el primo che // se stamparà, manderò a Vostra Illustrissima Signoria, ovvero ne scriverò uno altro a quella // de mia propria mano: siche a Quella suplico

todavia, a doar ao marquês de Mântua a primeira cópia do livro impresso ou, eventualmente, e se assim o gentil-homem o quisesse, a escrever o livro de sua própria mão para o oferecer. A leitura desta carta coloca uma outra questão: teria Pigafetta um diário, o original redigido na viagem, do qual copiava e/ou completava os apontamentos? Ainda acerca desta carta foram encontrados documentos inéditos na Biblioteca Apostolica Vaticana por Andrea Canova, que estavam incluídos na correspondência trocada entre o secretário de Federico Gonzaga, Giovanni Giacomo Calandra, e Baldassarre Castiglione (1478-1529)²⁴. No *post scriptum* de uma destas missivas, a de 27 de Fevereiro de 1524, Calandra faz referência à presença de uma carta para Antonio Pigafetta, apresentando-a da seguinte maneira: «La lettera che va a frate Antonio Pigafetta è in risposta di una sua circa un libro che'l voleva dedicare al signor, ma pare che il papa voglia che'l sia dedicato a lui»²⁵. A carta em questão era, de facto, a resposta do marquês Federico Gonzaga a Pigafetta, na qual o marquês manifestava a sua benevolência e alegrava-se por poder receber uma cópia do livro após a publicação²⁶.

De partida para se encontrar com o papa em Roma, Pigafetta, como o próprio conta na abertura da sua *Relazione*, encontra em Monterosi, perto de Viterbo, o Grão-Mestre da Ordem de Malta, Philippe Villiers de l'Isle-Adam, o qual manifestou o desejo de que Pigafetta copiasse para ele «tutte quelle cose aveva viste e passate nella navigazione» (Manfroni 1983, 54). Chegado a Roma, Pigafetta deve ter contactado imediatamente com Baldassarre Castiglione, uma vez que o diplomata, após a morte da esposa em 1520, e a pedido de Leone X, tinha passado a fazer parte do estado

me faccia saper, che li piace che // fizza, perchè molto li devo, come a tuti è manifesto; non altro. Le mano di Vostra Illustrissima Signoria // humilmente baso et a quella per infinite volte me aricomando. De Roma // a II di Febraro MDXXIII | Lo humil servitor di Vostra Illustrissima Signoria | Fr. Antonius Pleghapheta | Acques hierosolymianus».

²⁴ Baldassarre Castiglione, originário de Casatico no território de Mântua, era, por parte materna, familiar da casa Gonzaga. Distinto diplomata e literato – foi autor de *Il Cortegiano* –, esteve ao serviço do duque de Urbino, Guidobaldo da Montefeltro, que o enviou como embaixador para Inglaterra e França. Depois de ter regressado a Mântua, o marquês Federico Gonzaga nomeou-o embaixador junto de Clemente VII e depois junto da corte de Carlos V.

²⁵ Biblioteca Apostolica Vaticana, Ms. Vat. lat. 8211, citado em Canova 1999, 29.

²⁶ «Domino fratri Antonio Plegafette. | Reverendo patri&c. Havemo ricevuto la littera vostra di .ii. del presente, et visto la scusa che fate di non essere venuto qui per essere andato a Roma chiamato da parte de la santità di Nostro Signore, con il libro, la qual scusa accettamo, et laudamo che satisfiaciati a la voluntà di Nostro Signore. haveremo ben piacere che quando haverete fatto stampar il ditto libro intitolato a sua santità ce ne mandate uno di primi, che 'l ni sarà grato. se foste venuto qui, ve haveressimo veduto voluntieri; nondimeno ni piace che habbiate obedito Nostro Signore, et ne offerimo alli commodi vostri paratissimo. Mantue, .xxvi. februarii .1524.». Transcrito por Da Mosto 1894, 127, doc. VII.

eclesiástico²⁷. Até à sua partida para Espanha, a 7 de Outubro de 1524, para desempenhar o cargo de nuncio apostólico, Baldassarre Castiglione foi o elo de ligação entre Federico Gonzaga e Antonio Pigafetta. A 15 de Abril de 1524, Castiglione informa o marquês de Mântua da vontade de Antonio Pigafetta de o servir, testando assim as inclinações de Federico Gonzaga²⁸. Um dia depois, a 16 de Abril, Pigafetta escreve de Roma a Federico Gonzaga, lamentando discretamente a atitude do papa de não avançar com a publicação e confirmando a sua lealdade ao marquês: «ogni ora più cresce, con quel animo che ho di esserve sempre fidele servitore, como la experientia dimostrerà»; a propósito do livro escreve: «Lo libro^[29] che scriveva in mia casa in nome di quella, lo tengo in mia mano, et nissuno lo ha visto se non sua santidade» (Da Mosto 1894, 179)³⁰.

²⁷ Cf. Claudio Mutini 1979.

²⁸ «15 aprile 1524 | allo illustrissimo et excellentissimo signor e patron mio, el signor marchese di Mantua, della sacra romana Ecclesia e della repubblica fiorentina capitano generale. | Quel gentiluomo Pigafetta che è stato alli Antipodi, se raccomanda molto a vostra excellentia: e benchè habbia non so che poco qui dal papa con molte promesse, accascando qualche beneficio di san Gïohanni desiderarebbe molto se servire vostra excellentia: ma non so s'el si contentasse di poco. hami pregato ch'io tenti l'animo di quella, e vedda, como da me, s'ella havrebbe cara la sua servitù, e che ge lo faccia intendere: lui mostra di essere in dispositione, et haver voluntà di travagliare ancora. quella se dignerà avisarme ciò ch'io gli haverò da rispondere... | In Roma, alli XV d'aprile MDCXXVIII | Di vostra signoria illustrissima, humil servitor | Baldasar Castiglione» (Da Mosto 1894, 182, doc. XVII).

²⁹ José Manuel Garcia lança, a este propósito, uma hipótese que relaciona a oferta do livro ao Papa por Pigafetta com a imagem mais antiga que temos de Fernão de Magalhães e que deriva de um retrato que Paolo Giovio (1483-1552) teve em seu poder em Como antes de 1535. O historiador sugere, embora com as devidas reservas, que a imagem poderá ter sido o resultado de uma representação de Fernão de Magalhães feita originalmente por Antonio Pigafetta – que o conheceu pessoalmente – em 1524 e oferecida ao papa, juntamente com outras pinturas de muitas coisas admiráveis que tinha visto. Agradecemos ao professor José Manuel Garcia a partilha da informação. Cf. Garcia 2019.

³⁰ «Illustrissimo et excellentissimo signore. Già sonno molti giorni ricevè una di vostra illustrissima signoria: ho inteso tuto. Non pensse quella lo animo mio me sia mancato di servire a vostra illustrissima signoria fina mia morte: anzi ogni ora più cresce, con quel animo che ho di esserve sempre fidele servitore, como la experientia dimostrerà, et como vi farà fede messer Baldassar Castiglione imbassatore di vostra illustrissima signoria più difusamente, scrivendo a quella. Lo libro che scriveva in mia casa in nome di quella, lo tengo in mia mano, et nissuno lo ha visto se non sua santidade, la quale me tienne in casa a suo servitio et per suo domestico. Tamen lo animo mio è di servire a quella fina mia morte. Per tanto humilmente suplico me dia la risposta in quello ho da fare; non per altro se non li mei poi dicano: ha lassato un papa per servire a vostra illustrissima signoria. Quanto toca a me, già le saria obediente servitore; ma tanti me diseno che pur tardo Unum est. Lassarò tuto el mondo per servire a quella. Non sarò più longho, se non che baso la illustrissima mano di vostra excellentia, et per molte volte me ricomando et expetto la risposta. | In Roma, il giorno 16 di aprile 1524 | Lo humile servitore di vostra illustrissima signoria | el cavalier Antonio Pigapheta».

A desilusão com a atitude do papa em relação à publicação do livro fez com que Pigafetta voltasse a tratar com o marquês Gonzaga, que, aliás, recebeu uma visita do navegador, como refere Calandra a Baldassarre Castiglione a 9 de Julho de 1524: «quel Pigafetta che è stato alli Antipodi vene già alcuni dì qui con li suo libro, quali presentò el libro et se stesso al signore et aspetta che li sia fatta una grossa provisione et mostra di non volerse contentare di poco dicendo che'l ha renunciato partiti dal papa, da l'imperatore, dal re di Portogallo, di Inghilterra et Franza: non so come farà. Credo che sia venuto a mal tempo»³¹.

Antonio Pigafetta tinha a noção do valor do seu trabalho; de resto, tinha tido testemunhos do interesse por parte dos literatos do seu tempo³² e também por parte da família Gonzaga, do Papa, do Grão-Mestre Villiers de l'Isle-Adam. Foi, portanto, com tal consciência que dirigiu à Senhoria de Veneza, a 5 de Agosto de 1524, um pedido de privilégio que dizia respeito aos direitos de publicação do livro (Da Mosto 1894, 129)³³. O privilégio foi-lhe concedido e, como se lê na carta que Giovanni Battista Malatesta³⁴ enviara de Veneza ao marquês de Mântua a 3 de Agosto de 1524 (Ibid., 183)³⁵, foi evidente a influência que o marquês Gonzaga teve nesta concessão. Não nos devemos esquecer, porém, que o Senado veneziano já tinha

³¹ A carta foi encontrada por Andrea Canova e por ele publicada; cf. Canova 1999, 32.

³² Durante o tempo de permanência de Pigafetta em Roma, também Paolo Giovio, médico humanista na corte de Clemente VII, recorda, nas suas *Historiae*, a empresa e a obra de Antonio Pigafetta, embora troque o nome Antonio por Geronimo.

³³ «MDXXIII de mense augusti. Serenissimo principe et excellentissimi signori. Supplico io Antonio Pigafetta vicentino, cavallier hierosolimitano, che, desiderando veder del mondo, nelli anni passati ho navicato cum le caravelle de la maiestà cesarea, che sono andate a trovar le isole dove nascono le specie nelle nove Indie, nel qual viazo ho circumdato tutto el mondo a torno: et per esser cosa che mai homo l'ha fatta, ho composto un libretto de tutto el ditto viazo, qual desidero far stampir, et perhò supplico de gratia che per anni XX alcun non possi stampirlo, salvo chi vorò io, sotto pena a chi el stampasse o stampato altrove el portasse qui, oltre el perder li libri, de esser condannato lire tre per libro; et la executione possi esser fatta per qualunque magistrato de questa città a chi sarà fatta la conscientia, et sia divisa la pena un terzo al arsenal de la sublimità vostra, un terzo al acusador et un terzo a quelli che faranno la executione, a la gratia sua humiliter mi ricomando. Die V augusti.»

³⁴ Giovanni Battista Malatesta foi diplomata ao serviço de Federico Gonzaga.

³⁵ «Allo illustrissimo et excellentissimo signor et patron mio osservandissimo il signor marchese di Mântua &c. l Illustrissimo et excellentissimo signor et patrone mio osservandissimo. Scritti alli giorni passati che havea ottenuto da questa illustrissima signoria quanto vostra excellentia mi havea comisso, ad instantia del presente latore. Dappoi mi son anche affaticato in componerlo cum un stampator, et oggi sonno restati in questa compositione: che 'l cavagliero al presente exborsi 15 ducati per la mittà della spesa et poi il guadagno sii commune: ma, per quello ch'io posso iudicare, el voria che vostra excellentia gli donasse tali dinari, et mi ha pregato che gli faccia fede di quanto è sopra deto. A vostra excellentia humilmente bascio la mano, ricordandogli che gli son fidelissimo servo. l Venetiis, III augusti 1524 l De vostra excelletia fidelissimo servo l Io. Baptista Mallatesta».

conhecimento da obra de Pigafetta, que, recorde-se, tinha sido acolhido e ouvido a 7 de Novembro de 1523, com grande interesse.

A partir de Agosto de 1524, a documentação que, directa ou indirectamente, possa iluminar o percurso de Pigafetta é extremamente escassa. Não há, por enquanto, notícias acerca da publicação da concessão de privilégios a Pigafetta. Apenas se sabe que, a 3 de Outubro de 1524, recebeu a comenda de Norcia, Todi e Arquata pel Ordem de Rodi, facto este que lhe proporcionou umas entradas de dinheiro bastante dignas. Sabemos também, voltando ao primeiro testamento do pai Giovanni, que Antonio Pigafetta ainda era vivo em Junho de 1525 e que Philippe Villiers de l'Isle-Adam, a quem a obra, assim como a conhecemos, é dedicada, esteve ausente de Itália de 25 de Junho de 1525 até 21 de Janeiro de 1527. Podemos, então, conjecturar que no primeiro semestre de 1525 as relações com os Gonzaga se tinham deteriorado e que Pigafetta resolveu virar a sua atenção para o Grão-Mestre da Ordem de Rodes em sinal de agradecimento pela comenda recebida? Pigafetta era, como ele próprio se apresenta no início da *Relazione*, «patrizio vicentino e cavalier de Rodi» (Manfroni 1983, 53), e faz todo o sentido que desejasse dedicar a obra a Villiers de l'Isle-Adam. No entanto, a entrada de Pigafetta na Ordem Jerosolimitana não tem data certa e a primeira referência da sua pertença à dita Ordem é relativa à sua apresentação ao Senado veneziano, em 7 de Novembro de 1523. Terá sido nomeado cavaleiro antes da partida para a viagem à volta do mundo ou, pelo contrário, terá recebido a nomeação depois do regresso? O recente achamento de um documento inédito encontrado no Archivio del Sovrano Ordine Militare de Malta remete para a primeira hipótese, uma vez que o documento, uma minuta datada de 20 de Outubro de 1524, «potrebbe fornire indicazioni circa i tempi dell'ingresso di Antonio nell'Ordine Gerosolimitano» (Petrizzelli et al. 2006, 58).

Uma pesquisa entre as fontes ligadas à Ordem Jerosolimitana poderia iluminar os últimos anos de Pigafetta e valorar, ou não, a tese de Rita Pigafetta, descendente de Antonio Pigafetta, a qual, interpelada por Andrea Canova, levanta a hipótese de Antonio ter falecido na batalha naval dos cavaleiros jerosolimitanos de 1531 em Modon, na Grécia, chefiada pelo cavaleiro Salviati, nomeado pelo próprio Villiers de l'Isle-Adam. Rita Pigafetta refere que, de facto, a tradição familiar confirma que a morte do navegador vicentino teria ocorrido na Grécia. Uma hipótese diferente acerca dos últimos anos de vida de Pigafetta é-nos apresentada por Georg Schurhammer: através de obras de escritores turcos, nomeadamente Piri Re'îs e Sidi Ali, Schurhammer identifica um português chegado a Istambul por volta

de 1525-1526, perito na arte de navegar, com importantes conhecimentos de astronomia, e que tinha atravessado o estreito de Magalhães, como sendo Antonio Pigafetta³⁶.

O mistério continua a envolver a figura do navegador vicentino, embora nos últimos anos tenham surgido algumas pistas de investigação. A inexistência de fontes ou, pelo menos, a dificuldade em encontrar rastros da presença de Pigafetta após 1525 indica a possibilidade de ele ter, de facto, saído de Itália. Não podemos confirmar ao certo a data de nascimento do navegador, mas podemos comprovar com uma certa segurança que o âmbito sociocultural em que Pigafetta se movimentava era de requinte, quer no seio da família – os três casamentos de Giovanni Pigafetta foram contraídos com mulheres de ascendência nobre –, quer nas relações com as famílias nobres de Vicenza, Mântua e Roma. E mesmo que, eventualmente, as relações com a família Gonzaga possam ter tido alguma quebra, há que recordar que, no inventário de bens efectuado entre 1540 e 1542, após a morte de Federico Gonzaga ocorrida em 1540, foi encontrado *Il viaggio fatto da Spagnolo intorno al mondo*³⁷.

A sistematização de fontes relacionadas com Pigafetta permite-nos traçar um perfil, embora fragmentário, da sua personalidade, que se apresenta, em mais do que um momento, bastante volitiva, quer na vontade de embarcar, quer na persistência que o acompanhou na busca de oportunidades para publicar a sua *Relazione*. Confirmar-se-ia assim o objectivo que o levou a embarcar: não devia ter sido fome de dinheiro ou desejo de enriquecer, visto que o ordenado era entre os mais baixos, mas sim: «far esperienza di me e andare a vedere quelle cose, che potessero dare alcuna satisfazione a me medesimo e potessero partorirne qualche nome appresso la posterità» (Manfroni 1983, 53).

³⁶ O recente artigo de autoria de Dejanirah Couto (2019) levanta hipóteses e pistas de investigação que, ao seguir o trajecto da carta Hazine 1825, encontrada em Istambul e atribuída a Jorge ou Pedro Reinel, podiam dar respostas a perguntas ainda não resolvidas, contribuindo para esclarecer quer as relações de Pigafetta com a Ordem de Rodes – a historiadora sublinha o número não despreciando de marinheiros gregos da tripulação da armada –, quer o silêncio que se mantém sobre Pigafetta nos arquivos italianos a partir de 1525.

³⁷ Cf. Canova 1999, 39.

Bibliografia

- AMORETTI, Carlo, ed. 1800. *Primo viaggio intorno al globo terracqueo, ossia ragguaglio della navigazione alle Indie orientali per la via d'occidente, fatta dal cavaliere Antonio Pigafetta patrizio vicentino, sulla squadra del capitano Magaghianes, negli anni 1519-1522. Con un transunto del trattato di navigazione dello stesso autore*. Milão: Stamperia di Giuseppe Galeazzi.
- AVONTO, Luigi. 1992. *I compagni italiani di Magellano con un'appendice sul roteiro di un pilota genovese*. Montevideo; Roma: Ediciones El Galeón.
- CACHEY, Theodore J. Jr., ed. 1995. *The First Voyage Around the World. An Account of Magellan's Expedition*. Nova Iorque: Marsilio Publishers.
- CACHEY, Theodore J. Jr. 2010. "From the Mediterranean to the world: A note on the Italian 'Book of Islands' (*Isolario*)". *California Italian Studies* 1 (1): 1-13.
- CANOVA, Andrea, ed. 1999. *Relazione del primo viaggio attorno al mondo*. Padova: Antenore.
- CANOVA, Andrea. 2001. "Far-away countries and useful books: some remarks on Antonio Pigafetta and other travellers in the Pacific at the beginning of the sixteenth century". *Studies in Travel Writing* 5: 1-34.
- COCCO, Felice, Emanuela Scorzato, Giovanni Mantese, Angela Dall'Olmo, e Renato Gasparella. 1979. *Malo e il suo monte: Storia e vita di due comunità*. Malo: Amministrazione Comunale di Malo.
- COUTO, Dejanirah. 2019. "Em torno do globo: Magalhães, Pigafetta e a carta Hazine 1825". In *Em demanda da biblioteca de Fernão de Magalhães*, ed. Rui Manuel Loureiro, 183-205. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- DA MOSTO, Andrea. 1894. *Relazione di Antonio Pigafetta sul primo viaggio intorno al globo colle regole sull'arte del navigare*. Roma: Forzani & C. Tipografi del Senato.
- EBERT, Stefano. 2009. *Storia di un Vicentino nel Mondo. Il Cavaliere degli Oceani. Antonio Pigafetta e la grande navigazione con Magellano*. Vicenza: Editrice Veneta.
- FERNÁNDEZ DE NAVARRETE, Martín. 1825-1837. *Colección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV*. Madrid: Imprenta Real. 5 vols.
- FOA, Anna. 1980. *Dizionario Biografico degli Italiani*. [http://www.treccani.it/enciclopedia/francesco-chiericati_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/francesco-chiericati_(Dizionario-Biografico)/) .
- GARCIA, José Manuel. 2007. *A Viagem de Fernão de Magalhães e os Portugueses*. Lisboa: Editorial Presença.

- GARCIA, José Manuel. 2019. *Fernão de Magalhães, Herói, Traidor ou Mito: A história do primeiro homem a abraçar o mundo*. Barcarena: Manuscrito.
- GIL, Juan. 1989. *Mitos y utopías del Descubrimiento: el Pacífico*. Madrid: Alianza.
- LOUREIRO, Rui Manuel. 2017. “Fernão de Magalhães em Portugal”. In *In Medio Orbe (II): Personajes y avatares de la I Vuelta al Mundo*, ed. Manuel J. Parodi Álvarez, 19-29. Sevilla: Junta de Andalucía; Ayuntamiento de Sanlúcar de Barrameda.
- MANFRONI, Camillo, ed. 1983. *Relazione del primo viaggio intorno al mondo di Antonio Pigafetta – Con il roteiro d'un pilota genovese*. Verona: Cassa di Risparmio di Verona, Vicenza e Belluno.
- MANTESE, Giovanni. 1960. “I genitori di Antonio Pigafetta”. *Archivio Veneto* LXVII (102): 26-37.
- MANTESE, Giovanni. 1964. *Memorie storiche della chiesa vicentina – Vol. III/2: Dal 1404 al 1563*. Vicenza: Pozza.
- MEDINA, José Toribio. 1920. *El descubrimiento del Océano Pacífico: Vasco Núñez de Balboa, Fernando de Magallanes y sus compañeros*. Santiago de Chile: Imprenta Universitaria.
- MUTINI, Claudio. 1979. *Dizionario Biografico degli Italiani*. [http://www.treccani.it/enciclopedia/baldassarre-castiglione_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/baldassarre-castiglione_(Dizionario-Biografico)/).
- PASTELLS, Pablo. 1920. *El Descubrimiento del Estrecho de Magallanes*. Madrid: Sucesores de Rivadeneyra, 2 vols.
- PERAGALLO, Prospero. 1892. *Lettere di A. de Brito e di P. Centurione ed appunti archivistici*. Roma: presso la Società Geografica Italiana.
- PETRIZZELLI, Michela, e Albino Morello. 2006. *Il n'est rose sans espines. Studi sulla nobile famiglia Pigafetta*. Vicenza: Biblioteca Civica Bertoliana.
- POZZO, Giovanni da. 2005. “Serenità e ambiguità nella *Relazione* di Antonio Pigafetta”. *Italica* 82 (3/4): 426-450.
- RAMUSIO, Giovanni Battista. 1978-1988. *Navigazioni e viaggi*, ed. Marica Milanese. Turim: Einaudi.
- ROMANINI, Fabio. 2007. “La ritraduzione del *Viaggio intorno al mondo* di Pigafetta nelle *Navigazioni et Viaggi* di Ramusio”. In Serge Vanvolsem et al., *Identità e diversità nella lingua e nella letteratura italiana*, 541-553. Firenze: Franco Cesati Editore.
- SANUDO, Marin. 1879-1902. *I Diarii di Marino Sanuto, 1496-1533*, ed. Rinaldo Fulin et al. Venezia: F. Visentini.
- SCHURHAMMER Georg. 1933. “Una ipotesi sulla fine di Pigafetta”. *Bollettino della Reale Società Geografica Italiana* VI (X): 488-497.